


Padres e hierarcas em luta



23 Junho 2020

A A

"E se o resultado da guerra tivesse sido favorável ao **Eixo**? Com um realístico "se", podemos imaginar, que nem mesmo um fascismo triunfante poderia ter renunciado à simbiose com o catolicismo, talvez reconduzido ao espírito guerreiro das [Cruzadas](#) e da [Contrarreforma](#): no mínimo, para se erguer a paladino da Europa romana e católica contra o paganismo nacional-socialista, que havia proclamado, como [Lutero](#), a "revolta contra Roma", escreve [Emilio Gentile](#), em artigo publicado por **Il sole 24 Ore**, 21-06-2020. A tradução é de **Luisa Rabolini**.



Eis o artigo.

Igreja e fascismo. Os dois sujeitos tinham em comum a ambição de impor sua própria marca na nacionalização das massas e buscavam conquistar a identidade italiana. No início dos anos 30, Benedetto Croce lembrava "os horrores que os positivistas escreviam sobre a história" e alertava para não esquecê-los "para medir a baixeza mental da qual nos elevamos e a altura em que ainda nos mantemos e da qual se espera que não voltemos a descer ou, melhor dizendo, precipitar novamente". São palavras que voltam à memória ao observar o que está acontecendo sobre a questão histórica do fascismo e outras questões relacionadas, como o **totalitarismo** e o **catolicismo**.

Ao longo do último meio século, sobre essas questões, a historiografia italiana, operando com estudiosos unidos pela proibição intelectual e pelo rigor científico, fez progressos substanciais na pesquisa e na interpretação, alcançando um nível internacional de autoridade e de influência. Agora, porém, corre-se o risco de precipitar novamente na "baixeza mental" dos discursos vazios que circularam meio século atrás, sobre a imperfeição do totalitarismo fascista ou sobre a inevitável convergência entre regime fascista e Igreja Católica.

Como então, ecoam os gritos usados de "lobo lobo!" contra o eterno retorno do **fascismo**, acompanhados por lamúrias sobre o "antifascismo que não serve mais a nenhum propósito", enquanto, para a nossa sorte, há setenta anos as instituições que ele construiu ainda preservam a liberdade reconquistada em 1945, apesar da pouca seriedade democrática que as sustenta. E, como então, a historiografia volta a descer para a a-historiologia, que trata os fatos históricos como o astrólogo trata fatos astronômicos. A história não se repete, mas os historiadores às vezes se repetem. E a historiografia regride. Essa premissa era necessária para apreciar de forma correta o valor da pesquisa de **Renato Moro** sobre o mito da Itália católica.

Em tempos de a-historiologia, as mais de quinhentas páginas de seu livro, cheias de documentos, cheias de reflexões, são um sopro de razão histórica, com uma importante contribuição para o conhecimento das

relações entre [fascismo e catolicismo](#). A situação dos estudos sobre essas relações, apesar das pesquisas já realizadas, "no entanto, não pode ser considerada satisfatória", observa **Moro**, porque os estudos são principalmente sobre as relações de vértice entre a **Igreja** e o regime fascista, enquanto raras foram as investigações aprofundadas dentro do catolicismo em suas relações com o fascismo.

As interpretações tradicionais, segundo **Moro**, são "necessariamente parciais e com lacunas", porque "nenhuma delas nunca abordou o tema que hoje parece absolutamente preliminar: o caráter de 'religião política' que foi uma das características proeminentes do totalitarismo fascista". Sua pesquisa parte de aquisições históricas e interpretativas claramente definidas: que "o fascismo foi totalitário, de forma séria e radical, não imperfeita ou intermitente"; que falar sobre afinidade entre Igreja e fascismo, como organizações totalitárias, "é uma perspectiva absolutamente distorcida, caso se queira usar um conceito de totalitarismo historicamente fundamentado"; que, para além dos acordos, a relação entre catolicismo e fascismo foi caracterizada por uma "surda 'luta espiritual' entre as duas realidades que tentavam manipular-se mutuamente e que pareciam muito mais concorrentes que convergentes".

Moro realizou sua investigação com o método típico de suas pesquisas, sempre amplas e analíticas, destacando a comum ambição do fascismo e do catolicismo de impor a própria marca à nacionalização das massas. Fascistas e católicos, exaltando o mito da nação, pretendiam conquistar a identidade italiana, seguindo vias opostas: de um lado, a "fascistização do catolicismo"; pelo outro, a "catolicização do fascismo". Com um profundo senso da complexidade dos fenômenos históricos, Moro explorou as várias atitudes do catolicismo em relação ao fascismo, que variavam da oposição intransigente dos poucos católicos antifascistas no exílio à adesão ao regime da massa dos crentes, bem como da maior parte do alto e baixo clero.

A adesão atingiu o ápice durante a guerra da Etiópia, a tal ponto que em dezembro de 1935, **D. Domenico Tardini** denunciou a [Pio XI](#) a

exaltação nacionalista e belicosa dos bispos como "o desastre mais grave" para a Igreja, lançando o alarme contra o perigo real e efetivo do totalitarismo fascista, que tinha "divinizado o Duce, fazendo com que todos se curvassem diante deste **Nume**". O mesmo perigo havia sido denunciado desde 1923 pelos poucos católicos antifascistas, como Padre Luigi Sturzo: mas em vão. De fato, apenas lentamente, como demonstra **Moro**, os **católicos** como um todo, conseguiram perceber a novidade representada pelo regime fascista "precisamente no campo a absolutização da política e do desenvolvimento de uma própria religiosidade".

A lentidão decorreu da sedução que o fascismo exerceu sobre a Igreja e sobre a massa católica, atuando como defensor da catolicidade, justamente no período em que o catolicismo começava a celebrar o mito da nação, mesmo se opondo ao "nacionalismo exagerado". Assim, através do mito da **Itália católica**, tentou-se um experimento de simbiose entre catolicismo e fascismo, conduzido, porém, com perspectivas incompatíveis, porque o fascismo queria incorporar o catolicismo em sua própria religião política, enquanto o catolicismo pretendia valer-se do regime fascista para reconquistar a hegemonia da Igreja na sociedade.

No entanto, mesmo que a intenção católica tenha permanecido uma ilusão, foi justamente através do experimento de simbiose, defende **Moro**, que a Igreja teve possibilidade de espalhar entre as massas o mito da **Itália católica**, em uma sociedade que estava cada vez mais se secularizando na moralidade e nos costumes. O resultado do experimento de simbiose não era dado como certo. Foi a **Segunda Guerra Mundial** que decidiu, com um resultado inesperado: de fato, após a aniquilação do totalitarismo fascista, na nova **Itália** republicana, Igreja e catolicismo, justamente por causa da experiência adquirida no confronto com o fascismo, reivindicaram o monopólio da identidade nacional.

E se o resultado da guerra tivesse sido favorável ao Eixo? Com um realístico "se", podemos imaginar, que nem mesmo um fascismo

trionfante poderia ter renunciado à simbiose com o catolicismo, talvez reconduzido ao espírito guerreiro das **Cruzadas** e da **Contrarreforma**: no mínimo, para se erguer a paladino da Europa romana e católica contra o paganismo nacional-socialista, que havia proclamado, como **Lutero**, a "revolta contra **Roma**".

RENATO MORO

cultura

IL MITO DELL'ITALIA CATTOLICA



*Nazione, religione e cattolicesimo
negli anni del fascismo*

Studium
edizioni

Leia mais

- [Cristianismo e nova pós-modernidade](#)
- [Antirracismo é o núcleo central da luta antifascista no Brasil](#)
- [Está chegando o cato-fascismo](#)
- [100 anos do fascismo: 'O perigo atual é que democracia vire repressão com apoio popular', diz historiador](#)
- [Mussolini, Pio XI e a longa noite da liberdade de culto. Artigo de Alberto Melloni](#)
- [Três aniversários em 2019 para entender melhor a Igreja. Artigo de Massimo Faggioli](#)
- [Catolicismo pós-secular: a Igreja e os católicos na era da "autonomia interpretativa"](#)
- [Igreja, fascismo, judeus e 1938. Artigo de Andrea Riccardi](#)
- [Um fascismo renovado percorre a Europa](#)
- [Conferência dos Bispos da Polônia faz apelo para acalmar 'ódio e preconceito'](#)
- [Itália. Não morreremos católicos: a religião acabou em 1980. Pesquisas mostram o distanciamento com a Igreja](#)
- [Contrarreforma. Modernidade e Preconceito](#)
- [As 95 teses de Martinho Lutero na porta da igreja do castelo de Wittenberg](#)
- [Cruzadas: quando os pontífices pregavam a Guerra Santa](#)
- [Só a morte impediu Pio XI de entrar em confronto com o Duce. Artigo de Alberto Melloni](#)

NOTÍCIAS RELACIONADAS

Evolução e fé cristã: semânticas em diálogo

Quais as implicações da evolução científica para as semânticas da fé cristã? É possível conciliar ciência e fé, a part[...]

[LER MAIS](#)

Bispo é preso entre manifestantes que tentavam ocupar uma igreja em Nova York

A três meses do início de seus protestos contra o sistema financeiro norte-americano, centenas de manifestantes saíram às ru[...]

[LER MAIS](#)

@Pontifex e os sacros tuítes: As redes sociais digitais segundo Bento XVI

A mensagem de Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais lança os desafios do papa à própria Igreja com rela[...]

[LER MAIS](#)

"A fé pode dar à razão a coragem de pensar"

O desafio para a filosofia atual é ter mais audácia. É preciso não se deter na superfície. É preciso colocar os problemas fu[...]

[LER MAIS](#)

**DEIXE SEU
COMENTÁRIO**



Enviar 

Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo - RS
CEP 93.022-750
Fone: +55 51 3590-8213
humanitas@unisinos.br
Copyright © 2016 - IHU - Todos direitos reservados